

Artes Gráficas e Decorativas, Escultura, Arquitetura

I

O quinto Salão de Arte Moderna foi inaugurado à semana passada na grande sala de exposições do Ministério de Educação e Cultura. O certame reúne grande número de trabalhos incluindo arquitetura, pintura, escultura, arte decorativa e gravura.

Logo à entrada do Salão estão expostas algumas obras de Sansão Castelo Branco, numa justa homenagem ao malgrado decorador, morto no princípio deste ano.

Excetuando, naturalmente a pintura, a cópia maior de trabalhos corresponde à categoria de desenhos e gravuras e é, neste setor, precisamente, que estão as melhores produções artísticas apresentadas. Os excelentes desenhistas e gravadores que possuímos concorrem com trabalhos que não desmerecem das exposições anteriores; são obras executadas com técnica apurada – atingindo algumas delas até mesmo ao virtuosismo – e com imaginação criadora digna de apreço.

É verdade que esses desenhos e gravuras estão ainda um pouco dissociados de uma arte gráfica mais geral, arte esta que implica não apenas na destreza e na inteligência de compor os desenhos, mas também na fatura de papéis para recebê-los, assim como na criação de caracteres tipográficos que com eles se harmonizem; é sabido que o grande escultor Maillol, na contingência de ilustrar com gravuras suas um livro, fabricou o papel *monval*, e Eric Gill, o conhecido gravador e escultor inglês era desenhista de tipos. Os trabalhos ora expostos dos desenhistas e gravadores brasileiros valem assim individualmente, transmitem o caráter próprio de cada autor, traduzem uma série de experiências isoladas por todos os títulos valiosa.

A natureza dos trabalhos apresentados é muito variável: o conjunto dos atributos artísticos com que se pode definir um desenho, isto é, textura, profundidade espacial, composição, ordenação dos planos, iluminação, etc., nem todos estão sempre presentes em todas as obras: há os que exibem apenas texturas – ricas, rebuscadas, estranhas –, há os que usam uma só textura para composições diversas...

É meu desejo assinalar aqui em primeiro lugar Renina Katz e Darel Valença. Da primeira, figuram na exposição três gravuras, executadas com a mais primorosa técnica, – texturas sombrias, excelentes valorizações do branco, esses mesmos brancos que são um encanto nas gravuras de Goya e de Kathe Konitz, o mérito de Renina Katz ainda se aventura pelo destemor de tratar assuntos hoje vetados pelos pesquisadores de formas raras e “novas”; o seu *Parque* e as *Camponesas em campo de arroz*, executados com grande precisão, estão impregnados de solidariedade humana, e de interesse pela vida sem perversões e sem tragédias. No *Parque* há uma engenhosa apresentação do espaço através de árvores, impondo ao observador uma maneira de ver por partes a composição, mas sem uma lei de sucessão determinada. No “*Camponesas em campo de arroz*”, as mulheres são robustas e limpas executam limpamente a sua tarefa numa consciência de paz, tranqüilidade e de dignidade do trabalho.

Darel Valença expõe também três gravuras (...). Não sendo um artista tão moderno como Renina que atinge as fronteiras do “neo-realismo”, tem, contudo, numa técnica também perfeita, tratado temas também atualmente difíceis, em virtude da banalidade a que os reduziram as interpretações acadêmicas, o velho tema romântico da tempestade está resolvido numa atmosfera de névoas cinzentas e de linhas flexíveis, numa visão bem tão nossa e tão original que surpreende.

A importância de Darel e Renina se torna mais saliente neste certame pela presença de Gleniu Bianchetti que utilizando assuntos da mesma natureza não consegue realizá-los com independência e originalidade.

Ainda nesta mesma orientação, entretanto, comprometido com um programa mais vasto, Carlos Scliar procura penetrar a essência do realismo, no seu contato mais material e imediato, procura alcançá-la nas suas aparências global e local; o sentido global de comunicação progressiva, o sentido local na representação de cenas regionais e um programa que oferece múltiplas dificuldades que o artista ainda não soube bem superar.

Limitando-se apenas a certos atributos da matéria desenhada ou gravada como, por exemplo, o emprego do espaço bidimensional coberto de ricas texturas, cumpre assinalar os concorrentes seguintes: Faiga Ostrower, com o seu *Mares* (azul) e o seu *Espaços* (vermelho), único concorrente com gravuras coloridas, o que é uma pena; *Espaços* e *Mares* são ambos muito bonitos e o primeiro me faz até lembrar que seria uma representação artística de um “espaço granular” aplicado ao espaço físico dos elétrons, o que é quase um sonho.

Lívio Abramo apresenta *Macumba*, *Mandala* e *Experiência*, três bons trabalhos do ponto de vista da invenção e da técnica: a *Macumba* poderia ser apenas “dança”; Aldemir Martins com desenhos de figuras isoladas, sem espaço circundante, como figurinos para encenação teatral, mas de fatura graciosa e firme: Augusto Rodrigues expõe uma paisagem de Olinda, outra do Recife, com a improvisação e a espontaneidade que caracterizam esse grande desenhista pernambucano; Anísio Medeiros, Iberê Camargo, Poly Lazzarotto, Rossini Perez, Lígia Pape, Arnaldo d’Horta, Ana Leticia, e outros merecem ser examinados com mais detalhes.

No setor Arquitetura concorrem apenas três arquitetos: Alcides Rocha Miranda, José Reis e Pedro Guimarães. O primeiro com um projeto para um Museu de Moldagens que deveria ser construído na Quinta da Boa Vista com a finalidade de abrigar condignamente as moldagens mandadas executar pelo Serviço do Patrimônio Histórico das obras mais importantes de Aleijadinho, até agora pessimamente alojadas na estrutura abandonada do Hospital de Clínicas em Mangueira. Trata-se de um projeto de inegável mérito. A contribuição de José Sousa Reis ao certame consta dos projetos para o monumento aos mortos da Segunda Guerra Mundial e para o monumento de Ruy Barbosa; José Reis, artista dos de mais personalidade da moderna geração brasileira de arquitetos, tem sido um dos que pouca oportunidade tem encontrado para revelar as suas inegáveis qualidades. Os dois trabalhos expostos revelam o seu incontestado merecimento.

II

Voltando a analisar as obras de desenho e de gravura expostas no quinto Salão de Arte Moderna assinalarei algumas feições peculiares a certos concorrentes:

Rossini Perez possui uma esquematização, um reticulado dentro do qual enquadra os seus motivos: as suas gravuras de “morros” estão assim simplificadas, contidas no seu esquema; o artista não se demora em observar a riqueza plástica e formal do seu assunto, riqueza naturalmente oriunda das atividades que possuem caráter coletivo, como são essas que dão como resultado uma favela. Porque com tão boa técnica e tramas tão bonitas não insistiu na representação mais profunda de um tema tão real e humano? A observação de uma favela é talvez penosa, tanto quanto é penoso viver nos seus barracos...

Os desenhistas Pedrozo d’Horta e Ladjane reproduzem, longa e minuciosamente, vários, caprichos padrões, lineamentos e arabescos, às vezes ligados a formas reais: penas de pássaro, conchas marinhas, nervuras de folhas etc., aparecendo aqui o desenho mais como exercício do

que mesmo como um “médium” artístico original; são desenhos que revelam extraordinária habilidade no movimento da mão, da direita para a esquerda e de baixo para cima, e indicam virtuosismo na conservação da continuidade linear e da espessura. Há nesses trabalhos um sentido de arbitrário e de boa ordenação – princípio e razão das coisas criadas – que não consegue, entretanto, atingir a grande complexidade e diversificação das texturas de uma artista como Irene Rice Pereira.

Ana Letícia com o seu gato e as suas peras envoltos numa sombra sutil de mistério, numa penumbra de coisa veladas e elegíacas marca os seus trabalhos de um caráter e de um estilo nitidamente pessoais.

Muito pouco em matéria de escultura exhibe o salão; os bons escultores brasileiros nele não estão presentes. Além de duas esculturas do veterano Honório Peçanha e de também duas de Zélia Salgado: *Serenidade* e *Santinha*, umas poucas mais estão expostas. Colocam-se, entretanto, um ponto acima do nível do certame, neste setor, as duas esculturas apresentadas por Sérgio Camargo: são duas formas humanas contorcidas, num esforço de aplicação sobre si mesmo, espécie de automorfismo, de ambivalência espacial, oscilando entre pessoa e coisa.

Há nesses trabalhos como que uma tentativa de transformar o humano e subjetivo material e objetivo, experiência do ser humano no acabado fechamento do “existente bruto”, enfim, transformação do “por si” – do que sabe que existe – “em si” inconsciente.

O Sr. Sérgio Camargo não chegou, certamente, à última solução de suas esculturas mediante essa especulação existencialista, mas, pela natural tendência intuitiva do artista e, sobretudo, do escultor, que há sempre na preocupação pelo objeto; na escultura, mais do que em outra arte, permanece uma insidiosa e penetrante implantação do objeto na “forma se formans” – termo médio da análise estética de Heinemann – vivamente influenciando na “forma formata” resultante. Encarando as esculturas de Camargo por um outro lado, isto é, pelo lado das suas influências, observa-se que o escultor vacila entre as formas abertas de Moore ou Laurens e as formas fechadas de Brancusi.

Merecem comentário à parte no fim deste registro os fotogramas de Fernando Pamplona; apesar dos excelentes resultados já alcançados pelo artista, suponho que muitos outros efeitos poderão ainda ser conseguidos, tomando-se a luz como instrumento: efeitos de sombra esbatida e de cor; mesmo que para este fim seja necessário criar-se uma máquina análoga à *Lichtrequisit*, de Moholy-Nagy, ou teclado correspondente àqueles que utilizam os “lumianistas” para a execução das suas músicas luminosas.